

# O cheiro

Josimey Costa  
Jornalista

A toalha branca tinha quadradinhos miúdos em relevo na mesma cor do restante do tecido. No centro, a mancha parecia descontínua, raiada por esses montículos de trama que desmaiavam o vinho forte. O pote de conservas, de vidro barato e sujo, continha tocos de cigarro delatados pela luz elétrica. Os restos de comida na pia estavam sendo digeridos pelo tempo. Vinho, frituras e um saldo de perfume adocicado cheiravam no ar silencioso.

O mundo, dividido entre o que está por trás e o que fica diante dos olhos, não parecia ser mais do que a cozinha fechada. E a cozinha não passava de um nicho definido pela lâmpada do poste que a janela enquadrava e pela claridade incandescente da porta aberta da geladeira. As luzes acanhadas só varavam a quietude. Por trás de cada porta trancada e janela alta, a interrogação empurrava os trincos. Mas não atravessava os portais e assim se fazia mais densa.

“Lá em cima daquela serra tem um pé de laranjeira”... A figura de linguagem incorreta na quadrinha infantil irrompeu da quietude artificial. O som vinha de fora, longínquo. Pé de laranjeira, não; de laranja. Antes, um laranjal inteiro, com sol e muito vento, cheio de verde para cada lado do horizonte. E crianças. Crianças que criam todo um laranjal só com versos declamados e que não têm medo do que há por trás de cada galho espinhento.

Como tudo na cozinha, o corpo estava imóvel. O vestido branco trazia respingos de vinho, tinto como o da toalha da mesa. Os dedos, de unhas curtas, eram amarelados entre o indicador e o médio. Tabaco de longo vício, diria um legista, se um dia fosse consultado. As pernas estavam dobradas. Um exame atento poderia ler as histórias que contavam, como só o podem contar árvores cujos troncos já enfrentaram ventos, chuva e sol, crianças e namorados com canivetes.

Do lado do fogão, um canto de sombra ameaçava a luz, exigindo que ela se encolhesse. Pedaco extirpado do universo escuro e sem limites lá fora, lembrava abraços quentes surgidos do nada. Abraços que jamais confortam. A cabeça deveria estar naquele canto sombrio, já que as outras partes do corpo partiam de lá. Não era possível vê-la. Engolida pela sombra, ela *era* a sombra, perfeita porque insondável.

Nada se podia dizer daquele rosto, se ria debochadamente, se olhava com olhos de censura, se sonhava por trás das pálpebras. Ou se tinha pálpebras que lhe permitissem sonhar. Tudo o que se via era um cacho de cabelo longo, castanho, que escapava à escuridão, descendo um pouco abaixo do ombro. Estava úmido de sangue na ponta. Ao lado, caído no chão como o corpo e próximo da mão tingida pelo cigarro, havia um fone fora do gancho, com o fio arrancado do resto do aparelho preso mais alto, na parede.

De vez em quando, algum som incidental mais alto invadia a cozinha, vindo da rua. Dentro, entretanto, o ar parava. As portas se mantinham fechadas e assim estiveram por tanto tempo que a mancha de vinho ficou marrom. A geladeira perdeu todo o gelo e até a água que comprovava que um dia o gelo existira já se tinha evaporado. A luz interna ainda iluminava a cozinha, mas sem a ajuda da luz do poste, queimada como que para compor a escuridão lá fora. As moscas digeriam o que sobrara da comida, junto com larvas gordas. O rosto ainda era de sombras, mas o cacho de cabelo estava seco como o sangue que a exposição ao ar tinha coagulado.

Eles só puderam ver tudo isso por causa do cheiro. Um cheiro tão forte de morte que venceu a imobilidade do ar, o silêncio da solidão e expandiu os limites da cozinha. Por isso, a morte terminou abrindo as portas e trazendo, para dentro, a interrogação que havia por trás dos umbrais.